

# GESTOS DE LEITURA PARA ALÉM DA SALA DE AULA: SENTIDOS DE MALANDRAGEM EM TEXTUALIZAÇÕES MUSICAIS

Fernanda Chuffi\*  
Soraya Maria Romano Pacífico\*  
Lucília Maria Sousa Romão\*

**RESUMO:** *Discutindo algumas noções caras à teoria discursiva, a saber, discurso, memória, historicidade, buscamos refletir sobre alguns modos de inscrição dos sentidos de malandragem em músicas brasileiras. Acreditamos que, ao leitor, não basta reconhecer o que um texto diz, mas como o faz e como ao dizer marca uma borda de significação bastante alargada pelo que foi silenciado. A partir dos recortes das letras musicais de Chico Buarque, Marcelo D2, Cazuza e Zeca Baleiro, vimos que os sentidos e os sujeitos constroem-se na trama sócio-histórica, sendo importante compreender o modo como eles foram afetados pela memória, inscrevendo-se a partir das posições-sujeitos que podem instalar diferentes gestos de leitura.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Discurso – Sujeito - Malandro*

**ABSTRACT:** *At discussing some important notions to the discursive theory, that is, discourse, memory, historicity, we tried to contemplate on some manners of registration of the double-dealing senses in Brazilian music. We believed that, to the reader, it is not enough to recognize what the text says, but how it does and how it stamps a significance borderline quite large by what has been silenced. Based on some parts from song lyrics by Chico Buarque, Marcelo D2, Cazuza and Zeca Baleiro, we observed that the meanings and the subjects are built in the social historical web, being important in comprehending the way they were affected by the memory, inscribing themselves from the subject positions that can settle different reading gestures.*

**KEYWORDS:** *Discourse - Subject - Roguish*

Sábios em vão tentarão decifrar o eco de antigas palavras,  
fragmentos de carta, poemas, mentiras, retratos,  
vestígios de uma estranha civilização... (Chico Buarque)

---

\* Pedagoga com especialização em Gestão escolar, [tuntun@netsite.com.br](mailto:tuntun@netsite.com.br).

\* Professora Doutora do Curso de Graduação em Pedagogia e da Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), [smpacifico@ffclrp.usp.br](mailto:smpacifico@ffclrp.usp.br).

\* Professora Doutora do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e da Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), [luciliamsr@ffclrp.usp.br](mailto:luciliamsr@ffclrp.usp.br).

## **INTRODUÇÃO: EM BUSCA DE ECOS**

Nossa discussão, neste artigo, partirá da observação que fazemos, ainda hoje, sobre o quanto as escolas privilegiam a paráfrase em detrimento da polissemia (ORLANDI, 1996, p. 149), o que, muitas vezes, sufoca a voz do aluno e faz com que o professor sustenta a sua voz apoiando-se em dizeres dos materiais didáticos, repetindo-os como se fossem seus. Dessa forma, constrói-se, como diz Orlandi (ibid., 1996, p. 25), uma circularidade no discurso pedagógico, posto que o professor repete a voz de uma autoridade e, por conseguinte, obriga o aluno a fazer o mesmo, silenciando, para este, seu poder de argumentação (PACÍFICO, 2002, p.100). Pensar língua(gem) faz-nos refletir sobre o sujeito em sua posição discursiva, não como um indivíduo empírico, quantificável ou passível de generalização, mas, sim, como posição discursiva atravessada pelo múltiplo, heterogêneo e clivado. Diante disso, interessa-nos investigar como certos sentidos são possíveis de dizer para o sujeito em textualizações musicais, que inscrevem modos de representar a malandragem e o malandro e como os sentidos, dados e colados ao dicionário, precisam ser revisitados pelos sujeitos-escolares para a emergência de outros sentidos e a construção de gestos de interpretação. Para isso, estaremos fundamentadas nos postulados teóricos da Análise do Discurso (AD) francesa, de Michel Pêcheux, analisando, nas letras de música, o modo como palavras já-ditas em outro lugar retornam e são atualizadas.

Inferimos que a posição-sujeito tem relação direta com o lugar social que o sujeito ocupa, com o modo como a ideologia o interpela em sujeito de seu discurso e com a memória discursiva ou interdiscurso que sustenta a possibilidade de dizer e a ordem do dizível que, conforme Orlandi (2005, p. 31), constitui “o saber discursivo tornando possível todo dizer e retornando sob a forma do pré-construído, o já dito e que está na base do dizível”. Considerando que o sentido dos textos sempre retorna a um já-dito e critica a ilusão de monofonia que, muitas vezes, a escola deseja impor, resolvemos investigar como se dá a construção dos sentidos sobre o sujeito-malandro e sua posição dentro da sociedade brasileira, observando e interpretando como essa figura/personagem/sujeito discursivo está ancorado em letras musicais. Interessa-nos também trabalhar com a tensão entre paráfrase e polissemia, compreendendo a interpretação como um gesto pautado na multiplicidade de sentidos e deixando espaço para tantas outras possíveis, não apenas trabalhando com a paráfrase, o mesmo, o repetível, mas com a polissemia, com o diferente, enfim, com o sentido outro.

## **NAS LETRAS MUSICAIS, O MALANDRO NÃO É MAIS AQUELE**

Escolhemos esse tema relacionado ao malandro por algumas razões. A primeira diz respeito ao fato de o Brasil ser um país musical, marcado por uma grande diversidade de ritmos, de compositores e de intérpretes, dentre eles, samba, rock e rap, dentre tantos outros, com sons que se entrecruzam misturando o morro, a zona sul e a periferia. Assim sendo, a música acaba por trazer à tona uma inscrição identitária do nosso país e de vários modos de dizer do malandro. Dessa forma, entendemos que o texto musical deve ter bastante espaço no contexto escolar, não apenas para ser lido e decorado como letra de música, mas, sobretudo, para ser analisado como materialidade simbólica que reclama, dos sujeitos-escolares, gestos de interpretação. Em segundo lugar, julgamos que existem, no senso comum, formulações muito recorrentes

associando o brasileiro, em geral, à malandragem, ou seja, buscamos duvidar da evidência ideológica do sentido único que sustenta um modo parafrástico de dizer do brasileiro como malandro, vagabundo, pouco trabalhador. Atravessaremos a cortina de fumaça desse legitimado, que sustenta a malandragem como algo naturalmente dado na cultura brasileira, para escutar outros sentidos possíveis, passeando por canções de Chico Buarque, Marcelo D2, Cazusa e Zeca Baleiro e interpretando o movimento do discurso.

De acordo com a teoria discursiva, nosso objeto é o discurso, ou seja, os efeitos de sentido produzidos entre os interlocutores, o que reclama considerar a posição desses interlocutores sempre definida pelas/nas condições de produção e pelas relações de saber, de poder e de dizer tramadas na arena social. Isso constitui o estudo dos processos discursivos (PÊCHEUX, 1975, p. 26) na perspectiva de uma abordagem materialista da linguagem. Em relação ao malandro, a formação social e ideológica acaba conferindo, para esse sujeito, um lugar inscrito e marcado por um já-lá, que pode manter-se pela/na paráfrase ou romper com ela, por meio da polissemia. Dessa forma, na paráfrase, temos a ilusão do controle dos sentidos como se apenas um modo de dizer precisasse/pudesse ser repetido. Instala-se a necessidade de manutenção, o repetitório e a impossibilidade de ruptura; assim, o sentido dominante mantém-se como unívoco.

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado (ORLANDI, 2005, p.36).

É justamente o movimento parafrástico que observamos nas formulações cotidianas que insistem em marcar que *brasileiro é vagabundo, todo brasileiro é malandro, brasileiro é tudo igual, esse é o país do jeitinho brasileiro*. Em todas elas, as formas de nomeação são alteradas já que vagabundo, malandro, igual e jeitinho brasileiro não são sinônimos; no entanto, essas formulações fazem falar o mesmo funcionamento discursivo que faz retornar parafrasticamente o já sedimentado e já-inscrito em outros contextos sócio-históricos, posto que tais denominações foram inscritas, em outros contextos sócio-históricos em relação a índios e negros, diga-se de passagem. Assim, a paráfrase sustenta a possibilidade desses retornos deslocados que marcam a mesma formação discursiva e a repetição de sentidos que circulam no interior dela, pois “regida pelo processo parafrástico, a produtividade mantém o homem num retorno constante ao mesmo espaço dizível: produz a variedade do mesmo” (ibid., p. 37).

Mas, como analistas do discurso, sabemos que a língua é um ritual com falhas e o sentido sempre pode ser outro porque no jogo de dizer, há também espaços fissurados para a polissemia, que implica o deslocamento que leva o sujeito a uma outra relação discursiva com a língua, abrindo espaço para a ruptura e o deslizamento nos processos de significação. Dessa forma, polissemia é a

fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico (ibid., p. 38).

Assim, ao falar de malandro ou malandragem em um país como o nosso, marcado pela inscrição histórica dos sentidos de corrupção, é possível sustentar o mesmo ou fazer falar o outro, o diferente, o novo, e isso tem relação com o modo como a ideologia interpela o sujeito. É justamente essa tensão entre repetir ou romper com o repetitório que o sujeito experimenta sempre que vai enunciar e interpretar. A interpretação inscreve-se nesse movimento de ir e vir de tensão entre a paráfrase e a polissemia. Nessa tensão, Pfeiffer (1998, p.102) afirma que:

entre intérpretes e escreventes é aquela que remete ao trabalho histórico de interpretação, de constituição dos sentidos, perpassando pelo dizível, o repetível, as estabilizações, mas também pelos deslocamentos, desregularizações, perturbações na rede de implícitos, em outras palavras: o interdiscurso.

Como trabalharemos com o sujeito-malandro falado nas letras musicais, não é possível falar de sujeito sem mobilizar a ferramenta conceitual da ideologia, pois, para (ORLANDI, 1996, p. 96), é ela

que torna possível a relação palavra/coisa. Para isso têm-se as condições de base, que é a língua, e o processo, que é discursivo, onde a ideologia torna possível a relação entre pensamento, linguagem e mundo. Ou, em outras palavras, reúne sujeito e sentido. Desse modo, o sujeito se constitui e o mundo se significa. Pela ideologia.

Trabalhar com os processos de constituição e funcionamento da linguagem reclama compreender e refletir a paráfrase e polissemia, observando a tênue fronteira entre o mesmo e o outro, e também indagar como a ideologia inscreve o sujeito em uma posição de repetidor do mesmo ou de questionador dos sentidos tidos como óbvios (ROMÃO & PACÍFICO, 2006, p. 100). É justamente isso que veremos nas nossas análises a seguir. Sabemos que o discurso escolar frequentemente trabalha apenas com a paráfrase nas atividades cotidianas, não apenas de língua materna, mas na forma de checar, confirmar e cobrar a aprendizagem dos sujeitos-alunos. Concordamos com Orlandi (2003, p.14) quando ela define o discurso pedagógico como autoritário, posto que ele toma o sentido como literal e único, engessando as várias possibilidades de interpretação. Partimos de um dizer inscrito em um livro muito utilizado no contexto escolar, o dicionário, para entender como são estabilizados alguns sentidos para o significante malandro. Segundo o minidicionário Luft (2001, p. 437), temos:

Ma.lan.dro: adj.es.m.1. Indivíduo vadio, que vive de expedientes; velhaco.  
2. Indivíduo preguiçoso; mandrião.  
Ma.lan.dra.gem s.f.1. Ação ou vida de malandro; malandrice. 2. Súcia de Malandros.

Por outro lado, de acordo com o *site Wikipedia*, dicionário/enciclopédia on-line, encontramos uma outra definição:

figura do estereótipo carioca que habita os guetos; veste chapéu panamá e calça sapatos de cores branco e preto. Usa camisa regata listrada, leva sempre uma navalha no bolso do paletó. É boêmio, vive de pequenos golpes, aprecia rodas de samba e não acredita no trabalho como um modo de vida

confiável; no entanto, é sensível e sentimental, além de galante, cavalheiro e um amante invejável.

Para *malandragem*, temos:

um conjunto de artimanhas utilizadas para se obter vantagem em determinada situação (vantagens estas muitas vezes ilícitas). Caracteriza-se pela engenhosidade e sutileza. Sua execução exige destreza, carisma, lábia e quaisquer características que permitam a manipulação de pessoas ou resultados, de forma a obter o melhor destes, e da maneira mais fácil possível. Contradiz a argumentação lógica, o labor e a honestidade, pois a malandragem pressupõe que tais métodos são incapazes de gerar bons resultados. Aquele que pratica a malandragem (o "malandro") age como no popular adágio brasileiro, imortalizado pelo nome de Lei do Gerson: "tenho de levar vantagem em tudo (WIKIPEDIA).

Nessas formulações dicionarizadas, notamos que o malandro não é qualquer indivíduo que faz malandragens, mas sim, passa a ser narrado como uma posição-sujeito com características marcadas e inscritas socialmente que, de tanto serem repetidas, ganham a força de um estereótipo a ser confirmado (ou rompido) nas letras de música mais adiante. Quando se trabalha com a paráfrase, não são levadas em consideração nem as condições de produção dos discursos – dados da enunciação e da relação do contexto histórico – nem a forma como a ideologia interpelou o sujeito. Enfim, desconsidera-se o “processo de constituição mútua, constituindo-se e constituindo o discurso no seio dos acontecimentos histórico-social” (LEANDRO FERREIRA, 2003, p.192).

Também ficam silenciadas as redes de filiação histórica dos sentidos sobre o significante, redes estas que o sujeito coloca em funcionamento no momento em que enuncia. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada, ou seja, tudo o que já se disse sobre um tema e seus correlatos está, de certo modo, significando no dizer atualizado, interpelando o sujeito a dizer de um modo e não de outro. O fato de que há um já-dito, que sustenta a possibilidade de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, sua relação com os sujeitos e com a ideologia. Deduz-se daí que há uma relação entre o já-dito e o a-ser-dito, que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Rompendo com a paráfrase, com a ilusão de sentido único, Pêcheux (1975, p.36) teoriza que a produção do discurso dá-se pelo interdiscurso (exterior), por uma memória discursiva, enfim, pelo já-dito. Dessa maneira, o discurso não é estático e único, suas interpretações podem ser múltiplas; assim sendo, o discurso é suscetível a tornar-se outro de acordo com a condição de produção em que o sujeito se pronuncia, e sobre essa posição sujeito ocupada acabamos por ser atravessados por aquilo que Pêcheux denomina como esquecimentos, segundo os quais temos a ilusão de sermos fonte e origem do nosso dizer (esquecimento n.º 1) e de que, ao dizermos, o sentido/significado só pode ser um, como se pudéssemos controlar os efeitos de sentido do nosso discurso (esquecimento n.º 2). Por tudo isso, percebemos, em consonância com Authier-Revuz (1990, p. 27, grifos da autora) que “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentada’”.

Trabalhando, então, com esses postulados teóricos, não podemos conceber a leitura e a interpretação como algo fechado que se reduz ao preenchimento de lacunas, ou espaços em branco que devem ser completados com respostas já dadas, cristalizadas e marcadas pela voz dos autores de livros didáticos e repetidas, muitas vezes, pela voz do professor. Com base nessas considerações, é fundamental que os sujeitos-escolares rompam com o sentido único de malandro trazido pelos dicionários, que normatizam apenas um modo de significação e inscrevem movimentos parafrásticos de repetição do mesmo. O acesso a letras musicais, somado à análise e interpretação das mesmas, é uma das formas de romper a monofonia na sala de aula; pensando assim, escolhemos recortes de quatro composições sobre malandro e vamos analisá-las discursivamente, iniciando pela *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Hollanda, que marca, em um primeiro momento, o sujeito malandro com sagacidade.

Nessa obra, podemos observar esse sujeito em várias posições, ora contrabandista, ora bonachão, ora *bon vivant* e, também, ora criminoso. Por isso, esse malandro não pode ser classificado meramente como um indivíduo com uma característica apenas, com um único traço a ser mantido de maneira estabilizada. Observamos as mudanças de posição discursiva do sujeito-malandro, a partir de que lugar ele fala e é falado, pois só assim poderemos realizar o gesto de interpretação, sem cair na armadilha de atribuir os sentidos dominantes sobre o que está dado como legítimo para ser malandro, o que é possível, pelo efeito da ideologia, repetir como óbvio ou natural. Iniciaremos nossa análise, com um recorte da letra *Desafio do Malandro* de mesma obra citada anteriormente.

A sua estampa eu já conheço do museu do império/ Ou mausoléu de  
cemitério, ou feira de folclore.../ Só sei que vem com reco-reco, berimbau e  
farofa.../ Que grande malandro é você.../ Fala bonito e passa fome/ Vai ver  
que ainda vai virar trabalhador

Falando de língua e de sujeito, o recorte acima marca uma discursividade sobre a figura do malandro, mas não sobre qualquer malandro e, sim, a respeito de um *já conhecido* pela sociedade, figurativizado pelo seu jeito e maneira de se apresentar visualmente; ou seja, o malandro tem uma estampa que o significa *a priori*. Além do mais, o autor afirma que o grande malandro aqui é *você*, criando um deslizamento de sentido que desloca o estereótipo de um homem para uma série deles, marcando um movimento generalizante com o uso desse pronome de tratamento, como se pudesse referir-se a cada um de nós, posto que, todos nós podemos, em algum momento, ter atitudes parecidas com as do malandro. Essa interpretação sustenta-se no interdiscurso já mencionado, segundo o qual todo brasileiro gosta de levar vantagem, o que está associado à malandragem. Esse movimento filia-se à rede de sentidos já naturalizados como aceitos para representar o personagem malandro, não apenas descrito como um morador da cidade do Rio de Janeiro, mas como parte integrante do chamado *pais do jeitinho brasileiro*, ou seja, de um lugar onde imaginariamente conseguimos, pela/na malandragem, driblar as leis. Observa-se que o malandro é marcado na sociedade de duas maneiras: ora visto como marginal, sem controle, ameaçador da ordem social e perigoso para a esfera pública; ora com uma imagem que se relaciona a um sujeito bem humorado, ligado ao futebol, ao samba, ao mundo das mulheres e da sedução. Combinando-se a esses sentidos, outros que emergem da letra de música *Homenagem ao malandro*, da qual selecionamos o recorte abaixo:

Eu fui fazer um samba em homenagem/ à nata da malandragem, que conheço de outros carnavais./ Eu fui à Lapa e perdi a viagem, que aquela tal malandragem não existe mais./ Agora já não é normal, o que dá de malandro/ regular profissional, malandro com o aparato de malandro oficial./ malandro candidato a malandro federal./ malandro com retrato na coluna social;/ malandro com contrato, com gravata e capital, que nunca se dá mal./ Mas o malandro para valer, não espalha/ aposentou a navalha,/ tem mulher e filho e tralha e tal. Dizem as más línguas que ele até trabalha...

Esse recorte traz indícios de que houve um deslizamento de sentido em relação à malandragem. Aquela malandragem de levar a vida na brincadeira, na cantoria, de o malandro ser um fingidor ("finge ser importante, (...) fala bonito, mas passa fome"), que merecia uma "homenagem ao malandro (...) que conheço de outros carnavais", dá lugar a uma crítica social sobre a malandragem dos políticos entremeada por corrupção, oficialização da falcatura dos malandros de *colarinho branco*, isto é, aqueles que detêm o poder político (*oficial, federal*) e passam a usá-lo em benefício próprio. Conseqüentemente, o autor significa a sua viagem como perdida, porque aquele malandro conhecido de outros carnavais já não existe mais, ou seja, o sentido já dado e legitimado para o significante malandro é deslocado, rompido sob o efeito de/do outro. Assim, reafirmando a (in)existência do malandro antigo, o autor faz emergir, sob o efeito polissêmico, o novo malandro; isso nos faz recordar a teoria discursiva a considerar a paráfrase e a polissemia como dois processos de constituição da linguagem em permanente tensão, disputa e movimento.

Podemos perceber, também, uma certa ironia na letra, quando o malandro sumiu de seu espaço social (*Lapa*), dando lugar a outro sentido de malandro que acabou por impregnar vários outros espaços sociais. Descaracteriza-se o malandro original, ligado ao samba, para poder falar de outro malandro que circula agora na elite e na esfera pública com mulher, "filhos e tralha e tal". Assim, temos como possibilidade de interpretação que, sendo o Brasil considerado o país do *jeitinho*, acabamos sendo vistos, pelo efeito da ideologia, como *sujeitos-malandros-brasileiros*, como *amalandrados* na essência, o que parece ser natural, ideologicamente falando. Em contrapartida, na letra de Marcelo D2, a condição de produção, o momento histórico e a figura do malandro deslizam para além da *Nata da Lapa*, perpetuando e ocupando um espaço social ainda maior como veremos a seguir no recorte da letra *Malandragem*:

Aí malandragem, é contigo mesmo, é contigo mesmo.../ Reza aquela lenda que malandragem não tem/ Malandro que é malandro não fala pra ninguém/ Antigamente era ceda, hoje a camisa é larga/ A noite começa em qualquer lugar e acaba é na lapa/O que era calça branca agora virou bermudão/ Mas continua o anel a pulseira e o cordão/ Rolézinho a dois, de mustang 73/ O Hip-Hop com samba é Bola da vez/ Rap brasileiro, viajou o mundo, se encheu de prêmio e agora nobre vagabundo

Aí personagem/ Tem que ouvir a sua consciência/ A maior malandragem do mundo/ É viver/ É a maior malandragem do mundo/ É viver/ Então vai, vai, vai, vai.

Nesse primeiro momento, o autor refere-se à *malandragem* que remete ao imaginário daquele sujeito que foge e escapa de suas funções e obrigações sociais, aquele que se aproveita de uma situação, utilizando artimanhas para tirar vantagem; portanto, aquele que pratica a malandragem é o malandro já citado em outras letras,

definido parafrasticamente pelo dicionário e atualizado aqui sob o efeito de um sentido único. Nessa textualização, a letra faz retornar o mesmo sentido de malandro já dito e afirmado nas letras de Chico, mas como esse retorno nunca é igual discursivamente, aqui a formulação da roupa que caracterizava o malandro da antiga Lapa (lembrando que o significante *Lapa* marca a relação intertextual), que usava camisa de seda, chapéu panamá, calça e sapatos de cores branco e preta desliza para uma outra caracterização do malandro que usa “camisa larga, bermudão”. Ao mesmo tempo que desliza, mantém-se a regularidade de tomar o vestuário como elemento identitário, ou seja, o malandro continua a ser definido e marcado pelo que usa, tais como, pulseira, anel e cordão.

Ao invés de o malandro ser falado pelas/nas letras de samba como antigamente, hoje ele é falado no/pelo hip-hop, que inscreve um discurso da posição de quem está na periferia e faz falar historicamente um outro modo de significar, não a malandragem oficial, mas as desigualdades sociais tão gritantes no país. Observamos que, mesmo havendo um deslizamento de sentido sobre o significado de malandro, o que permanece como dominante é o sentido de vagabundo, marginal, aproveitador. Apesar disso, não podemos escamotear, do/no contexto escolar, a construção polissêmica de sentidos de/sobre uma palavra, como fazem os livros didáticos, na maioria das vezes, quando legitimam apenas um sentido (o do dicionário) e repetem-no, desconsiderando a historicidade dos sentidos que sustenta as produções textuais, no nosso caso, as letras de músicas. O recorte a seguir também sinaliza um modo de dizer sobre a malandragem: a canção *Malandragem*, de Cazuza, materializa, na ordem da língua, os movimentos de um sujeito que dista do malandro do samba, do malandro oficial e do malandro do hip-hop:

Quem sabe a vida é não sonhar/ Eu só peço a Deus/ Um pouco de malandragem/ Pois sou criança e não conheço a verdade/ Eu sou poeta e não aprendi a amar/ Bobeira é não viver a realidade/ E eu ainda tenho uma tarde inteira/ Eu ando nas ruas, eu troco um cheque/ Muda uma planta de lugar/ Dirijo meu carro/ Tomo o meu pileque/E ainda tenho tempo pra cantar.

Esse sujeito define-se como poeta e toma o sentido de malandragem como algo tão poderoso a ser pedido a Deus em forma de oração cantada. Observamos, pelo acesso ao interdiscurso, que rezar implica uma simetria dada *a priori* por uma entidade toda poderosa e um ser frágil ou necessidade do poder da primeira; assim, é possível inferir que a malandragem é divina, merecedora de desejo e deslocada dos sentidos anteriormente inscritos pelas letras de música analisadas. A malandragem desejada aqui é atravessada por outras redes de filiação dos sentidos, em que pese a inspiração, a dádiva divinatória, a recompensa do além. O sujeito, ao dizer (d) o seu desejo de malandragem, marca pistas de sua realidade cotidiana em que é possível ter o tempo de uma tarde, ser poeta, tomar um pileque, dirigir o carro, cantar; todas essas ações de criação e busca de prazer não satisfazem, posto que o sujeito define-se como não conhecedor da verdade e não aprendiz do amor.

Não temos aqui o sujeito ocupando a posição de um excluído social, nem de um representante da elite política, tampouco de um morador da favela, mas o sujeito na posição de uma classe que tem acesso aos bens de consumo materiais e culturais, marcado pela necessidade de expressão com seu (desejo de) canto e poesia; ainda assim, algo cava ausências e vazios na espessura da voz desse sujeito. Deriva daí o pedido-reza cantado e clamado aos céus, fazendo falar não a verdade e o amor, mas a malandragem como representação de ambos. Temos, assim, o sentido de malandro provocando



escorregadios deslizamentos em relação ao que o dicionário afirma como sentido único; temos, novamente, o jogo da língua provocando fissuras e rupturas no já-dado, movimentando o significante para outras regiões de sentido, empurrando-o para a encosta do inesperado. Mais uma vez, esse efeito deslizante é manifesto na canção abaixo, *O Hacker*, de autoria de Zeca Baleiro, em que o malandro da era eletrônica é falado:

Vem meu amor/ Vamos invadir um site/ Vamos fazer um filho/ Vamos criar um vírus/ Traficar armas poemas de Rimbaud/ (Traficar armas escravos e rancor)/ A vida é boa a vida é boa a vida é bela/ Quem teme o tapa não/ Não põe a cara na tela (...)

Vagabundo acha que eu tô rico/ Nego pensa que eu sou bacana/ Quando a barra aperta eu faço bico/ Eu aplico eu não fico sem grana/ Eu me viro daqui eu me arranjo de lá/ Quem só chora não mama/ No meio do pega-*pra-capá*/ Malandro que é malandro não teme a morte.

O malandro em outra rede, agora a internet, é discursivizado nesse recorte. Observamos que as marcas do *nós* e do *eu* são indiciárias dos movimentos do sujeito por dois lugares; no primeiro, instala efeitos de chamamento e convite, dados pelo imperativo “*vamos*”, de modo a reclamar a presença de outro internauta, isto é, a interatividade, algo tão marcado no espaço eletrônico. “Invadir um site, fazer um filho, criar um vírus, Traficar armas poemas de Rimbaud, Traficar armas escravos e rancor” são ações absolutamente possíveis no plano da virtualidade, significando formas tidas como infratoras de transgressão sem a implicação dos riscos que elas teriam no cotidiano. O malandro aqui é *hacker* (por sinal, título da letra) e age sem que seu rosto seja colocado na tela, sem que sua identidade seja revelada, por isso, o computador funcionamento como uma blindagem ou como marca de esconderijo, sob o manto de um *nós*, que impediria imaginariamente a aparição de um sujeito em particular, nomeado, visto e apontado como tal.

No entanto, existe um outro lugar em que o malandro é singularizado, na esfera da vida real em que a “barra” é apertada e “eu faço bico/ Eu aplico eu não fico sem grana/ Eu me viro daqui eu me arranjo de lá”. Temos aqui a emergência do sujeito que, nas relações sociais, precisa lutar pela sobrevivência, muitas vezes nutrindo-se do dinheiro derivado do trabalho informal, de pequenos golpes e de estratégias cotidianas para se virar e se arranjar em um contexto tupiniquim de desemprego. O velho malandro de outros carnavais, agora atualizado em versão *high-tech*, vive também o seu cotidiano conflituoso com dificuldades materiais e, “No meio do pega-*pra-capá*”, ele, quando é malandro de verdade, “não teme a morte”. A síntese dessas duas esferas é o malandro de hoje, discursivizado como metade *hacker* da rede eletrônica e metade fazedor de bicos no cotidiano, metade poderoso e blindado pela tela, metade exposto à violência (e à morte) nas ruas e no mundo do (não-)trabalho.

Tantos malandros, tecidos ao longo dessas canções populares, colocam em funcionamento a capacidade orgânica da língua em ser afetada pela história, de ser remexida e deslocada a cada tomada de palavra, de ser outra na mesma e de assumir os sentidos possíveis para o sujeito na posição que ele ocupa.

## **CONCLUSÃO: A INSCRIÇÃO HISTÓRICA DE SENTIDOS DE MALANDRO**

A partir dos recortes das letras musicais, vimos que os sentidos e os sujeitos constroem-se na trama sócio-histórica, sendo importante compreender o modo como eles foram afetados pela memória, inscrevendo-se a partir das posições-sujeitos que podem instalar diferentes gestos de leitura. Esses gestos de leitura se entrelaçam e vão sendo tecidos entre o velho e o novo, entre o sedimentado e o inovador, permitindo que os sujeitos-escolares também tecam seus saberes, dizeres e poderes através dos fios que se cruzam e se amarram formando as redes de filiação histórica promovendo, ora a sustentação e a repetição do já-lá, ora a ruptura e o deslocamento (ROMÃO, 2002, p. 300).

As letras musicais são um lugar privilegiado para a escuta desse jogo discursivo, pois, permitem questionar sentidos naturalizados, tidos como transparentes e evidentes, possibilitando, ao analista (des)construir o sentido já posto, colocando outros em seu lugar. Também permitem que o sujeito (des)naturalize apenas uma posição estabilizada de um tipo de malandro, mesmo porque, como afirma a teoria discursiva, é nas tramas da língua que se dão permanência e deslocamento, é nos andaimes da história que manutenção e desarranjo se processam. Por fim, acreditamos que esse jogo entre sentidos velhos e novos, já estabilizados e ainda por-vir, deveria ter espaço na sala de aula, indicando aos sujeitos-escolares que, no terreno da linguagem, as fronteiras são sempre tênues, os sentidos nunca estão prontos nem acabados e os malandros podem não ser mais aqueles.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Hétérogénéité(s) énonciative(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.19, 1990.
- LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. O caráter singular da língua na AD. *Revista Organon*, p. 189- 200, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário*. São Paulo, Editora Ática, 2001.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 6ª edição, 2005.
- \_\_\_\_\_. A leitura proposta e os leitores possíveis. IN: *A Leitura e os leitores*. Campinas, Pontes. 2ª edição, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes. 4ª edição, 1996.
- PACÍFICO, Soraya Maria Romano. *Argumentação e autoria: o silenciamento do dizer*. 2002. 250p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto, SP,
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (1975). Ed. da Unicamp, Campinas, 1990.
- PFEIFER, Cláudia. A Cidade e o Sujeito Escolarizado. IN: *Cidade Atravessada*, o sentido público no espaço urbano. Ed. Pontes, Campinas, 1998.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa. *O discurso do conflito materializado no MST: a ferida aberta na nação*. 2002. 310p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto, SP.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa & PACÍFICO, Soraya Maria Romano. *Era uma vez uma outra história: leitura e interpretação na sala de aula*. Editora DCL, São Paulo, 2006.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. Malandragem. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Malandragem>. Acesso em: 20 nov. 2007.